

Um estudo do aparelho psíquico em “O Grande Inquisidor”, de Dostoiévski

A study of the psychic apparatus in “The Great Inquisitor, by Dostoevsky

Noah de Aguiar Pinho*
noahdeaguiarpinho@gmail.com
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Altamir Botoso**
abotoso@uol.com.br
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

RESUMO: A proposta deste artigo é estudar o conto “O Grande Inquisidor”, que faz parte da obra *Os Irmãos Karamázov*, de Dostoiévski (2012), evidenciando os agentes do aparelho psíquico freudiano, que conformam a referida narrativa. Analisam-se as facetas dominantes do superego, assim como os fluxos do id e ego, em relação aos principais intentos das personagens, com o intuito de revelar que a crítica contida na obra literária se refere a questionamentos relacionados ao ser humano dominado e robotizado sob a figura de um “Inquisidor Invisível”. Parte-se do entrelaçamento entre a literatura e a psicanálise, o qual possibilita observar como estas áreas se relacionam para tratar de uma essência em comum que atua na sociedade, que pode evoluir ou retardar a harmonia social.

PALAVRAS-CHAVE: Dostoiévski. O Grande Inquisidor. Literatura e Psicanálise.

ABSTRACT: The purpose of this article is to study the short story “The Grand Inquisitor”, which is part of Dostoevsky's literary work *The Brothers Karamázov* (2012), highlighting the agents of Freud's psychic apparatus, which are found in the aforementioned narrative. The dominant facets of the superego are analyzed, as well as the flows of the *id* and *ego*, in relation to the main intentions of the characters, in

* Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Atualmente é professor de Língua Inglesa pelo Centro Brasileiro de Cursos (CEBRAC).

** Possui graduações em Letras: Português e Inglês (1988), Português e Espanhol (1989), Português e Francês (1993), Português e Italiano (1995), todas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1993), mestrado em Letras [Assis] pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998) e doutorado em Letras [Assis] pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004). Membro do GT Relações Literárias Interamericanas - ANPOLL - Brasil. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas, atuando principalmente nos seguintes temas: pós-modernismo, El mundo alucinante, romance histórico, romance picaresco, romance malandro, intertextualidade, literatura africana, hispânica e espanhola.

order to reveal that the criticism contained in the literary work refers to questions related to the dominated and robotized human being under the figure of an “Invisible Inquisitor”. It starts from the intertwining between literature and psychoanalysis, which makes it possible to observe how these areas are related to deal with a common essence that acts in society, which can evolve or delay the social harmony.

KEYWORDS: Dostoevsky. The Grand Inquisitor. Literature and Psychoanalysis.

Introdução

O presente artigo visa aproximar a psicanálise à literatura, levando em conta os tangenciamentos e as inter-relações que são possíveis entre estes dois campos do conhecimento humano. Para tanto, analisamos o conto “O Grande Inquisidor”, que é uma narrativa criada e citada por um dos protagonistas dentro do romance *Os Irmãos Karamázov*, de Dostoiévski, pela perspectiva sobre o aparelho psíquico estabelecida por Freud: id, ego e superego. A curta narrativa apresenta uma crítica acendrada acerca dos componentes que sustentam a sociedade. Logo, nossa análise inverte, por meio da analogia, as instâncias psíquicas em categorias políticas e sociais, que se baseia na crítica contida no conto, tornando esta transfiguração, com a conjunção psicanálise e literatura, possível e metódica. Desta forma, os valores que movem a sociedade no conto, em nível inconsciente até as consequências exteriores, recebem um aporte teórico que permite questionar as alienações que oprimem e movimentam as aglomerações humanas que representam o coletivo da realidade.

A literatura e a psicanálise compartilham elementos comuns por intermédio de linguagens diferentes. O fruto desta relação permite que as inter-relações entre elas se manifestem de forma ampliada, criando mecanismos de expansão semelhante ao políglotismo – enquanto a literatura se preocupa em comunicar o seu objetivo de forma artística e indireta, a psicanálise busca nomear metodicamente os conceitos dos objetos tratados pela literatura (FELMAN, 1982).

Para discorrer sobre o que está sendo proposto, este artigo se divide em dois tópicos: “Fiódor Dostoiévski: vida e obra”, no qual se apontam dados relevantes sobre o escritor russo e suas influências; e “Análise literária e psicanalítica do conto ‘O Grande Inquisidor’”, em que procede-se à análise da narrativa mencionada por meio de aproximações entre as áreas.

1 Fiódor Dostoiévski: vida e obra

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (1821-1881) foi um grande romancista russo que contribuiu amplamente para o desenvolvimento intelectual e literário do mundo ocidental. Nascido em Moscou, o escritor cresceu em meio às perturbações políticas estabelecidas por Nicolau I. Suas obras, altamente influenciadas pelas questões sociais e religiosas de sua época, foram bem recebidas pelo povo russo e pela literatura universal. Desta forma, o autor entrelaçou seus questionamentos e sua vida com as obras literárias, por meio de sua poética, como um reflexo do que estava sendo debatido pelo mundo a sua volta – uma grande referência deste entrelaçamento é vista nas abordagens constantes sobre o niilismo e o caráter psicológico de suas personagens, sempre febris, que continuam cativando o público pela tensão ocasionada “nas entrelinhas”, tornando o raciocínio e a intuição psicológica um recurso indubitável para conseguir captar e compreender os elementos contidos na obra (FRANK, 2018).

O niilismo é uma atitude que se desencadeou como corrente filosófica no século 18 e 19, alcançando Dostoiévski, e que contempla o vazio e a destituição de verdades, referenciando, assim, o nada. Logo, o ser humano niilista é o contrário do metafísico e idealista, assumindo o nada como principal regente da vida. O niilismo é apontado, em uma de suas facetas, como consequência do surgimento do capitalismo e da robotização humana, que aniquila o ser metafísico, gerando, assim, a secularização, e fazendo com que se cesse a busca pelo significado do mundo e, também, do Outro.

Sendo um cristão genuíno e contrário à secularização e à morte do humano metafísico, o autor criava estratégias para reproduzir personagens que aceitassem algumas características do niilismo para que, em seguida, nos desfechos finais de suas histórias, pudesse demonstrar como são desastrosas a aplicação do senso autodestrutivo imposto pela filosofia (FRANK, 2003). Dostoiévski, acreditava, pois, que as profundas crises morais e filosóficas ocasionadas pelos questionamentos éticos e divinos eram importantes, e, portanto, não media consequências em utilizá-las para criar personagens complexos, estabelecendo, assim, seu estilo literário.

Na busca pelo homem transcendente na moral desértica do niilismo, a profundidade psicológica de suas obras surge como fruto, revelando-se como uma

credencial detalhista do sofrimento humano, despertando, em vista disso, o interesse de Freud, que se debruçou sobre Dostoiévski para que parte das formulações de suas teorias psicanalíticas fossem realizadas, já que a

[...] a literatura é a linguagem que a psicanálise usa para falar de si mesma, para dar nome a si. A literatura não está fora da psicanálise, já que motiva e nomeia seus conceitos. É a referência pela qual a psicanálise denomina as suas descobertas (FELMAN, 1982, p. 5).

Logo, a partir da “morte do metafísico”, proporcionada pela atitude niilista, pretende-se analisar os movimentos psíquicos do id, ego e superego na obra *Os Irmãos Karamázov*, escrita entre 1879 e 1880, buscando, assim, reatar, vigorosa e figuradamente, a relação da literatura dostoiévskiana com a análise de influxo freudiano.

O livro *Os Irmãos Karamázov* possui uma narração meticulosa e realista, que permite aproximar os leitores dos problemas que a Rússia vivia durante o século XIX. Dentro do romance, há um conto criado e citado pelo personagem Ivan Karamázov ao seu irmão, Aliócha, cujo título é “O Grande Inquisidor” – a narrativa curta, contada por Ivan, é o foco de análise deste artigo. Na obra, a família protagonista se revela como o próprio retrato das intempéries sociais, políticas e filosóficas vivenciadas pelo povo na época. Para tanto, Dostoiévski categoriza cada personagem com valores únicos e representativos, dando-lhes independência para atuar como cidadãos altivos, com fortes opiniões diferentes de espírito. Conseqüentemente, o enredo torna-se rico, permitindo içar críticas ao sistema contemporâneo e fluir caminhos para “[...] penetrar a alma humana e revelar aquilo que é pouco explorado, causando surpresa e inquietação e desmontando as concepções mecanicistas de mundo, onde a aparência costuma ser ingenuamente tomada como retrato fiel da realidade” (PEREIRA, 2011, p. 1).

A narrativa acompanha o misterioso assassinato do patriarca da família, Fiódor Pavlovitch Karamázov, que sendo devasso, rico e torpe, desperta o ódio por parte da comunidade em que vive e a discórdia entre a sua prole. Assim, a obra não se mantém atada a um único viés, senão a uma multiplicidade viva, que se expande concomitantemente de micro a macro, mantendo a relação social e a crise existencial em monólogo constante. Os filhos de Fiódor compõem o nome do livro: *Os Irmãos Karamázov*.

A principal crítica à religião, especialmente ao catolicismo, está configurada no conto “O Grande Inquisidor”. Trata-se, portanto, de um excerto estruturado pelo protagonista Ivan Karamázov, que se caracteriza como intelectual niilista, que revela ao seu irmão, Aliócha, aspirante ao sacerdotismo e puro de coração, a concepção de como a sociedade se organiza frente à moral e ao livre-arbítrio com o intuito de fazê-lo compreender a corrupção entre os homens. Apesar da intitulação niilista, Ivan revela, no decorrer do romance, indícios moralistas e éticos. Ao criticar a realidade, ele a refuta como verdade e se mascara no niilismo como protesto.

No conto, Ivan discorre sobre a hipotética volta de Cristo, na Espanha, durante o século XVI, quando a Inquisição conquistava a hegemonia e espalhava violência entre os homens em nome da salvação. O grande cardeal de Sevilha convence o povo, cegado pela educação tirânica da Inquisição e acostumado à obediência, de que Cristo deve morrer novamente porque o homem não sabe o que fazer com a liberdade e o livre-arbítrio, pois são valores que suscitam a dor e se intensifica o incômodo para que o ser humano, enfim, se liberte. Desta forma, o inquisidor dispõe da segurança de um sistema consolidado – mesmo que este espalhe terror e morte – mas que é ativamente aprovado pela sociedade.

Esses aspectos e ainda outros, que consideramos relevantes, serão retomados e discutidos no tópico no qual analisamos o conto que constitui o corpus de nossa análise neste artigo.

2 Análise literária e psicanalítica do conto “O Grande Inquisidor”

Segundo Freud (1980), o aparelho psíquico é constituído por três agentes: id, ego e superego. Para o fundador da psicanálise, o id é fonte da energia psíquica e biológica, onde o ser humano atua em seu caráter mais primitivo, reagindo com desejos inconscientes irrefreáveis, sem inibição e medida de lógica, ética e moral. Ele é a fonte da vida, e, por isto, precisa de intermédios para funcionar propriamente em sociedade, sem ser lançado cruamente nela; o ego surge a partir do id, tendo a característica de se apropriar da realidade e refrear a potência dos desejos mais selvagens – ele é o princípio da razão, que diferencia os homens dos animais, que são regidos pelo id desenfreado; o superego, por fim, se coloca na posição de criar

valores morais durante o processo de socialização e integração da realidade, internalizando o ego por meio da moralidade.

O ser humano que, por alguma razão, não desenvolve os potenciais do ego, não consegue acessar o superego propriamente, e vive baseado nos princípios do id, atuando em sociedade com características psicopáticas. Nenhum dos três núcleos age separadamente, mas concomitantemente, um energizando o outro. Os agentes do aparelho psíquico (id, ego e superego), dentro do estudo psicanalítico, são básicos, porém seus desdobramentos serão vistos de forma mais profunda nesse artigo ao serem relacionados com o conto “O Grande Inquisidor”, de Dostoiévski. O superego será o principal agente de análise em relação às personagens “Inquisidor” e “Jesus”, inseridos no conto da obra *Os Irmãos Karamázov*.

Complementando o que foi exposto acima, é válido salientar que

Freud diferencia consciência moral, de sentimento de culpa, de necessidade de castigo e de arrependimento de maneira sucinta. Ele atribui à consciência moral a face agressiva e rude do superego. Sentimento de culpa é a tensão vivida pelo ego diante das exigências superegóicas e necessidade de castigo é a forma pela qual o sentimento de culpa é exteriorizado. (FREUD, 2010 *apud* NAKASU, 2014, p. 4).

Baseado na estrutura do superego, o Inquisidor é a voz moral no ápice da Idade das Trevas. Logo, podemos caracterizá-lo como a imagem configurada para materialização do superego figurado no conto. Mais do que a representação física de um idoso ao redor dos 90 anos, sua maior caracterização se dá pelo desejo de substituir os valores morais prevalentes deixados por Jesus, fazendo com que a transição dos arquétipos morais seja o grande tema do conto. Desta forma, tanto Jesus quanto o Inquisidor são representantes da moral (superego). O superego não fala apenas sobre a moral pelo aspecto positivo, da auto-observação e complacência, ele também é destrutivo e punitivo, quando não logra a harmonia pré-estabelecida. O agente pode se caracterizar, neste sentido, pelo excesso de censura e repreensão, causando angústia ao se introduzir perante a realidade (ego).

O conto, narrado por Ivan, discorre sobre os atritos que os seres humanos carregam na busca da paz terrena e metafísica, assim como as formas que submetem suas liberdades a fim de conquistar o gozo e a consciência serena, interagindo diretamente com os agentes do aparelho psíquico. No entrave entre mundano e

divino, a narrativa relata o homem, sob o domínio do mundo tangível, mais facilmente seduzido pelo sólido, já que os conceitos sobre a metafísica, amor e paraíso, defendidos por Jesus, impõem mais dúvida e desconforto na altura do solidamente alcançável, tornando o superego uma ameaça para a estabilidade. Embora incômoda, a busca pelo amor é algo que intriga o ser humano – fato visibilizado no conto quando Jesus retorna à Terra:

Ele aparece em silêncio, sem se fazer notar, e eis que todos — coisa estranha — O reconhecem. Esta poderia ser uma das melhores passagens do poema justamente porque O reconhecem. Movido por uma força invencível, o povo se precipita para Ele, O assedia, avoluma-se a Seu redor, segue-O. Ele passa calado entre eles com o sorriso sereno da infinita compaixão. O sol do amor arde em Seu coração, os raios da Luz, da Ilustração e da Força emanam de Seus olhos, e derramando-se sobre as pessoas, fazem seus corações vibrarem de amor recíproco. (DOSTOIÉVSKI, 2012, p. 344).

Diante da volta do mestre e do amor no coração, o povo cai de joelhos, “[...] chora e beija o chão por onde Ele passa (DOSTOIÉVSKI, 2012, p. 346), consumindo, assim, a saudade secular do incondicional, que apesar de ser afastada, cura e eleva o homem no desenvolvimento de virtudes. O ponto crítico da curta narrativa é iniciado com o aparecimento do Inquisidor, que sobrepõe a sua dominância diante do amor ao ordenar a prisão de Cristo com a aceitação do povo:

Ele aparece diante da multidão e fica observando de longe. [...] Ele aponta o dedo aos guardas e ordena que O prendam. E eis que sua força é tamanha e o povo está tão habituado, submisso e lhe obedece com tanto tremor que a multidão se afasta imediatamente diante dos guardas e estes, em meio ao silêncio sepulcral que de repente se fez, põem as mãos n’Ele e o levam. Toda a multidão, como um só homem, prosterna-se momentaneamente, tocando o chão com a cabeça perante o velho inquisidor, este abençoa o povo em silêncio e passado ao lado. (DOSTOIÉVSKI, 2012, p. 346-347).

As duas presenças, Jesus e Inquisidor, colocam em atrito a força do poder terreno e celeste, corroborando a preferência do povo mais pelo tremor do que pelo amor, justificando a obediência. Mesmo diante do absoluto, o homem não “trocou” o seu conforto pelo incondicional, já que o segundo não proporciona garantias sólidas, preferindo, assim, que o Inquisidor mantivesse um jogo de obediência, que sustenta o sistema econômico, político, científico e metafísico, em nome de Deus, para que o retorno material e, também, a consciência serena (fala-se de Deus), permanecessem

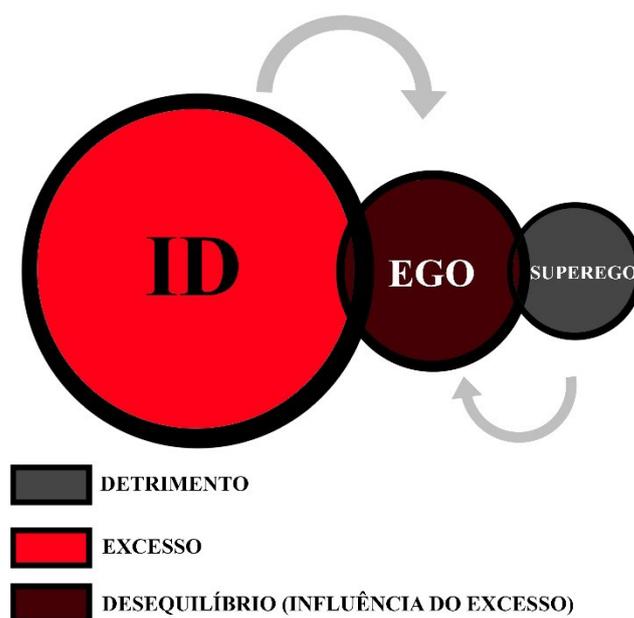
inalterados – fato que Jesus não partilha ao exigir o incondicional, de imediato e gratuitamente, causando a aflição na mente humana. Ao levar Jesus como prisioneiro, o Inquisidor começa um “diálogo”, em frente a Cristo, que justifica a escolha mercadológica do povo, que o elegeu como grande representante:

Queres ir para o mundo e estás indo de mãos vazias, levando aos homens alguma promessa de liberdade que eles, em sua simplicidade e em sua imoderação natural, sequer podem compreender, da qual têm medo e pavor, porquanto para o homem e para a sociedade humana nunca houve nada mais insuportável do que a liberdade!” (DOISTOIÉVSKI, 2012, p. 351).

Na venda da liberdade, o povo preferiu comprar as virtudes ao invés de adquirilas pelo impulso natural e genuíno do amor. Verifica-se, portanto, que na perda do metafísico, surgia os princípios, mesmo que primitivos, de mais-valia. Segundo Loyola (2009, p. 131), “[...] a mais-valia é a forma de exploração característica do capitalismo. Consiste na diferença entre o valor do produto e o valor do capital despendido no processo de produção”.

Entende-se por mais valia, a concepção de produção, valor e produto. Em “O Grande Inquisidor”, a mais-valia é humana, e o que está em jogo é a liberdade, a consciência serena e a manipulação/obediência para que, a partir disto, surgisse a consolidação de um sistema econômico, historicamente construído, e a função de todos os outros sistemas sob a irracionalidade de um grande “acordo” social, que reconfigura o ambiente físico e psíquico.

A seguir, representamos graficamente a estrutura desejada e defendida pelo protagonista do conto de Dostoiévski:

Figura 1: Estrutura psíquica do Inquisidor

Fonte: o autor

O Inquisidor afirma que o ser humano sente a necessidade de seguir preceitos e regras para viver, pois ele solto e por si mesmo não se constitui verdadeiramente como humano, precisando da intervenção da sociedade com um modelo pronto de modos de atuar (parte-se daí o surgimento do superego como constituição humana). Tendo isto como base, ele recria um modelo de moral, observado na Figura 1, para substituir a moral cristã. A moral do Inquisidor não é ética. A morte da ética, no entanto, envolve um castigo que ultrapassa a crença celestial, porque a ética se relaciona com todas as vocações elevadas que envolvem os ofícios humanos, que variam desde a arte, a ciência, a política até a filosofia. O Inquisidor cria, então, uma ética vazia, que se reproduz e evolui no automatismo, sem a integridade das capacidades inerentes do ser humano – os questionamentos relacionados à moralidade e à política são vistas no utilitarismo, corrente filosófica muito questionada na época de Dostoiévski, e que o inspirou em suas obras, inclusive na própria declaração do Inquisidor.

O único questionamento ético e racional, para o Inquisidor, diz respeito à obediência ao sistema. Ser ético é penoso para o Inquisidor, assim ele retira a essência ética e sobrepõe, no lugar, uma moral mecanizada, sem alimentos éticos, para fazer a sociedade funcionar sem que ela se encontre ligada a nada. A moral do inquisidor é a moral de obediência à produção, sem questionamentos que perturbem a identidade dos indivíduos. Sem equilíbrio, o ego é oprimido sem dor, pois o superego

é “rebaixado”, criando a proposta de uma sociedade baseada em prazeres artificiais e de trabalho alienado.

O Inquisidor deseja aniquilar a moral deixada por Cristo, já que critica o ideal cristão de ser verdadeiramente perfeito e puro de coração para viver bem consigo e com os outros. Sua crítica se dirige ao lado punitivo do superego cristão, que quando não logra a satisfação de ser perfeito e semelhante a Cristo, causa culpa, castigo e arrependimento diante de tanta imperfeição humana. Logo, o Inquisidor observa que seguir Jesus como figura moral é o mesmo que se sujeitar a uma vida de amargura e desgosto, pois, em sua compreensão, o ser humano jamais poderia ser naturalmente bom: “O homem foi feito rebelde; por acaso os rebeldes podem ser felizes?” (DOSTOIÉVSKI, 2012, p. 348).

De forma análoga aos princípios de uma moral mecanizada regendo uma sociedade, é possível reconhecer uma evolução de um suposto “Inquisidor Invisível” que atua na sociedade contemporânea com características neoliberais, e faz convergir todos os indivíduos para figuras inquisitivas, já que não há mais uma única autoridade representando o poder, além de exaltar o narcisismo e o consumo de prazer barato (id) – a estrutura psíquica contemporânea, neste caso, é a mesma ilustrada pelo Inquisidor, na Figura 1. Habowski e Conte (2018, p. 315) começam uma discussão sobre a *Sociedade do Cansaço*, de Byung-Chul Han, mencionando que, em nossa sociedade

Ao competirmos conosco mesmos e obedecermos às ambições e a pressão do desempenho nos tornamos depressivos sob o imperativo de obedecer a nós mesmos, recaindo na expressão patológica do próprio fracasso e carência de vínculos, característica da crescente fragmentação e atomização do social. Contrariando as ideias de um esgotamento de uma autoridade exterior, agora o imperativo consiste em obedecer a nós mesmos. O sujeito de desempenho encontra-se em autoacusação destrutiva e autoagressão que o leva ao adoecimento social, refletindo uma espécie de (des)humanidade consigo mesmo.

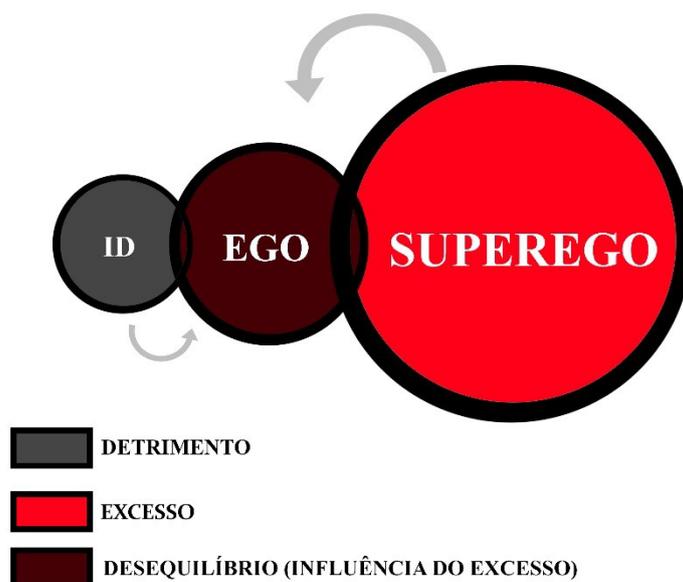
A partir da crítica inquisitiva, elaborada por Dostoiévski, a sociedade contemporânea se satisfaz com o mesmo acordo, sendo, porém, mais historicamente desenvolvido. O referido acordo, no conto, pode ser verificado no trecho transcrito abaixo:

[...] a preocupação dessas criaturas deploráveis não consiste apenas em encontrar aquilo a que eu ou outra pessoa deve sujeitar-se, mas em encontrar algo em que todos acreditem e a que se sujeitem, e que sejam forçosamente todos juntos. Pois essa necessidade da convergência na sujeição é que constitui o tormento principal de cada homem individualmente e de toda a humanidade desde o início dos tempos. (DOSTOIÉVSKI, 2012, p. 352).

A partir do acordo social de se sujeitar ao jogo de obediência, que constitui a “mais-valia humana”, o ser humano perde as virtudes e despende a sua satisfação na artificialidade, gerando o individualismo e a objetificação. Ademais, neste processo, o niilismo surge também como efeito colateral, pois todos os valores são aniquilados.

Verifica-se abaixo, na Figura 2, a configuração psicanalítica criticada pelo Inquisidor, sob a influência de Jesus, a fim de executar a “mais-valia humana”:

Figura 2: Estrutura psíquica criticada pelo Inquisidor



Fonte: o autor.

O personagem segue o mesmo discurso de ódio e “amor” por todo o conto. Ao mesmo tempo que ele mostra saber unicamente da verdade, junto com os outros cardeais, deixa transparecer que, também, em algum momento de sua existência, foi fiel à Cristo, se submetendo a castigos por não conseguir se igualar ao salvador,

dando vazão à justificativa que seguiu-lo, verdadeiramente, só traz infelicidade e infortúnio, fato que ele carrega como experiência própria, em segredo:

Os mais angustiantes mistérios de sua consciência – tudo, tudo, eles trarão a nós, e permitiremos tudo, e eles acreditarão em nossa decisão com alegria porque ela os livrará também da grande preocupação e dos terríveis tormentos atuais de uma decisão pessoal e livre. E todos serão felizes, todos os milhões de seres, exceto as centenas que os governam. Porque só nós, nós que guardamos o mistério, só nós seremos infelizes. (DOSTOIÉVSKI, 2012, p. 358).

Portanto, ao carregar o fardo, que é a culpa encarnada do superego, demonstrada na Figura 2, o Inquisidor demonstra que saber a verdade é muito doloroso e que, como mártir, deseja carregar o conhecimento de repreensão apenas para si mesmo, evitando que a sociedade siga o mesmo caminho. Vê-se, no entanto, que no primeiro momento que vê Cristo, ele se exalta com a vontade de redenção e reconhecimento do salvador, que é o seu pai, negando-o logo em seguida:

[...] se aproxima devagar, põe o castiçal numa mesa e Lhe diz: *‘És tu? Tu?’*. Mas, sem receber resposta, acrescenta rapidamente: *‘Não respondas, cala-te. Ademais, que poderias dizer? Sei perfeitamente o que irás dizer. Aliás, não tens nem direito de acrescentar nada ao que já tinhas dito. Por que vieste nos atrapalhar?’* (DOSTOIÉVSKI, 2012, p. 347, grifos do autor).

Na negação, o Inquisidor deseja assumir o poder estatal, mas também moral, manuseando as morais de Cristo de forma que a “nova moral” seja definida apenas pela obediência e dominância (Figura 1), e não por amor e autoconhecimento, já que estes causam dor. Desta forma, a punição do superego, pela nova moral seria menos punitiva, uma vez que estaria relacionada apenas ao regimento do mundo mais superficial, sem elementos que gravitam ao redor da própria existência identitária.

O superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo do Édipo e mais rapidamente sucumbir à repreensão (sob a influência da autoridade, do ensino religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência (conscience) ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa. (FREUD, 1980, p. 49).

Sob a influência do catolicismo romano na representação máxima de poder cultural e religioso, e por meio da analogia freudiana sobre a repreensão, o Inquisidor enfraqueceu os atributos do ego ao atingir o ponto mais alto de reatividade do superego, sendo tocado por culpa por não ser tão perfeito quanto o seu criador.

[...] Freud explica que as exigências culturais, as críticas dos pais e as censuras dos educadores são os meios encontrados por essas proibições de fora, que falam na terceira pessoa, para se internalizarem como a voz da consciência por efeito do recalçamento. (LAENDER, 2005, p. 65).

As exigências culturais e as críticas dos pais dizem respeito às exigências e “críticas” de Jesus, que é o principal “educador” do Inquisidor, produzindo, assim, recalçamento como mecanismo de defesa, fazendo com que o Inquisidor reaja para a transfiguração da moral da sociedade no conto por meio de seu poder estatal e cultural.

O superego tem múltiplas facetas, atuando no sentido parental e cultural. No sentido cultural, o agente recebe um porte amplo, que envolve a educação e conceitos morais coletivos. Portanto, pode-se dizer que, culturalmente, a instância psíquica se molda às necessidades de cada época. Para a entidade política espartana, surgida no século X a. C., sentir a punição do superego era consequência de não ser forte e corajoso suficiente. Por isto, podemos dizer que a sociedade de Esparta possuía valores morais diferentes do superego cristão e do contemporâneo, por exemplo. Deste modo, o superego possui “vários rostos” que são construídos e moldados com o decorrer do tempo. Cada superego cultural possui sua moral e repreensão.

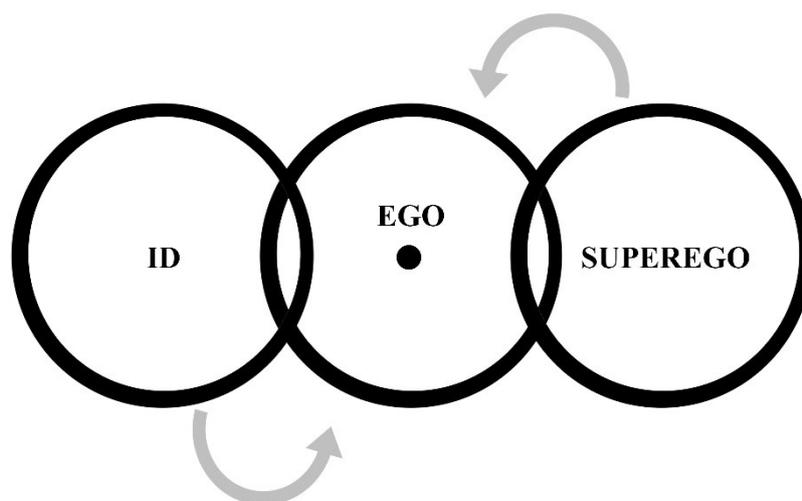
A moral de Jesus, segundo o Inquisidor (verificar Figura 2), era demasiadamente exigente, gerando culpa aos indivíduos que não conseguem se tornar semelhantes a Cristo. Pode-se dizer que o conto é um “relatório literário” do funcionamento do superego cultural no sentido mais opressor. O Inquisidor, conseqüentemente, via a orientação de Jesus como absurda e impossível de ser verdadeira para a harmonia social, oprimindo o ego e desqualificando os prazeres do id. A forma pacífica e resiliente, dada por Jesus, gera mais culpa do que harmonia para o Inquisidor. Neste caso, o Inquisidor mata o idealismo da moral, gerando duas reações adversas na sociedade: o niilismo e a mecanicidade. Nesse sentido, o niilista é o próprio idealista morto, que vislumbra algo maior, mas encontra apenas fontes opressoras e mecanizadas.

As regras de obediência do Inquisidor são similares ao próprio sistema atual, dado pelo funcionamento capitalista, movido pela dominância e obediência ao sistema, desvalorizando as vocações individuais e humanas em prol de acumular riqueza à custa do trabalho mecanizado. O que o Inquisidor propõe é uma inversão de valores, que constitui uma vida sem valor, pois assim o ser humano terá como castigo a próprio morte da identidade de forma silenciosa – a dor será silenciada, e nem os indivíduos saberão que sofrem por desconhecer a ética em todos os seus aspectos.

O Inquisidor, no conto, se tornou o grande pai social ao tomar a posição de seu pai: o Cristo. Podemos estabelecer uma comparação, neste sentido, de que a emblemática frase de Nietzsche “Deus está morto” se adequaria para a nossa proposta de análise sob a lente psicanalítica de que “O pai está morto”, sendo que Jesus se foi e o novo pai social, que rege o superego, está embebedado de niilismo. A análise do conto permite afirmar que Deus está morto, já que não conseguimos mais vê-lo, e toda forma de amor é comprado e embalado como produto para satisfação de nossos desejos mais superficiais. Neste sentido, “Deus” acaba recebendo uma ampliação, que extrapola o sentido religioso. Ao se encontrar com a culpa e rejeição do pai, o Inquisidor estabeleceu um sistema simples, onde não há nenhuma envergadura profunda que se associe aos valores humanos, apenas na produtividade social, para que a sociedade continue existindo, em harmonia, se alimentando e se expandindo apenas no sentido mais lucrativo.

O personagem Ivan, criador do conto “O Grande Inquisidor”, se caracteriza como niilista. Seu principal lema é que tudo é permitido, já que Deus está morto. Dostoiévski soube se apropriar do tema por meio de sua própria postura em relação à sociedade. O maior intento do autor era criticar a realidade em que vivia.

A Figura 3 a seguir representa o intento de Jesus idealizado conforme o aparelho psíquico:

Figura 3: Estrutura psíquica de Jesus

Fonte: o autor.

A Figura 3 ilustra o superego agindo em equilíbrio com as outras instâncias psíquicas – sendo que o motivo de equilíbrio é fazer com que o superego responda e respeite os conhecimentos do ego, centralizando-o. Logo, para que o superego se iguale ao ego, é preciso que a moral e a ética contribuam para o desenvolvimento do ego, que é o princípio da razão humana. O ego é a parte mais profunda da experiência humana, na qual o ser humano carrega um arcabouço simbólico que filtra todas as experiências e seus valores. Quando há foco na razão, o superego e o id se alinham, gerando harmonia. A principal proposta de Jesus é caracterizada pela Figura 3, porém o Inquisidor, por não se apropriar da bagagem do ego, mergulhou em opressão, como visto na Figura 2. A possível existência de uma sociedade, regida pela estrutura da Figura 3, pode ser observada nos estoicos, que viviam conforme a natureza (ego), respeitando o uso da razão.

Levantar questionamentos sobre um “Inquisidor Invisível” na sociedade contemporânea é um ato simbólico, mas, ao mesmo tempo, real, pois lança um vislumbre de que ela seja regida por um sistema vazio, que visa somente à produtividade e não à satisfação do ser humano-humano. Marcuse utiliza uma crítica similar em sua obra *Eros e Civilização*, transformando as categorias psicológicas, dispostas pelos agentes dos aparelhos psíquicos, em categorias políticas, buscando, assim, explicar que os desvios da psique têm relação com a existência pública, causando grande perturbação social (OLIVEIRA, 2017). Sua obra possui um discurso filosófico, tornando-se uma das pioneiras ao associar a psicanálise a níveis sociais,

dando grande importância à discussão sobre o tema. Em seus estudos, o referido autor visa buscar uma forma de fluir uma sociedade não repressiva, baseada na estrutura da Figura 3. Para Lima (2010, p. 66):

Uma mudança no princípio de realidade correspondente, ou no 'superego cultural' de uma época, alteraria também as exigências restritivas correspondentes, de modo que a própria dinâmica das pulsões seria modificada. O argumento que busca demonstrar os indícios de tal possibilidade é apresentado na segunda parte de *Eros e Civilização* (1999), que expõe os argumentos teóricos e históricos que fundamentariam a perspectiva de uma civilização não repressiva.

Pode-se observar que o Inquisidor fala sobre a história do ser humano como espécie social, que pode ser constituída e estudada pelos desdobramentos que o superego alcança a nível coletivo, educando e punindo. A punição do Inquisidor, com o seu novo semblante moral, coloca a sociedade, sob o ponto de vista do castigo, em uma perspectiva rasa e sem questionamentos, levando tudo à mecanicidade silenciosa, exibida no seguinte trecho:

Contudo, fica sabendo que hoje, e precisamente hoje, essas pessoas estão mais convictas do que nunca de que são plenamente livres, entretanto elas mesmas nos trouxeram sua liberdade e a colocaram obedientemente a nossos pés. (DOSTOIÉVSKI, 2012, p. 348).

Configurando, dessa maneira, uma crítica ácida à alienação e à falta de reflexão por parte da sociedade contemporânea.

Considerações finais

As análises realizadas neste artigo buscam demonstrar, de modo aprofundado, os recursos que a sociedade dispõe para se corromper e se elevar. Por meio da análise literária, conseguimos detectar a crítica realizada por Dostoiévski, que direcionou a sua vida para falar sobre o que estava sendo debatido pelo mundo, sendo que suas maiores preocupações tinham como escopo a maneira pela qual a moral estava sendo utilizada, enquanto a ética estava esquecida diante do poder social. Como cristão, sua voz era modelada pelo catolicismo, porém, o senso ético, em sua

essência, rege não apenas o cristianismo genuíno, mas toda forma de expressão artística e científica, extrapolando o sentido religioso. Desta forma, é possível estender a crítica do romancista a um nível universal, sendo possível questionar os movimentos de todas as grandes áreas da sociedade, e isso permitiu que a relação entre a literatura e a psicanálise se reencontrassem para a realização do estudo proposto, e se tornaram prementes para que conseguíssemos expandir alguns pontos relativos ao objeto social.

Nossa principal contribuição se dá pela forma de demonstrar que a alienação se constrói não apenas com palavras ornamentais e subjetivas, e isso possibilitou revelar nuances sobre a alienação e opressão, identificadas pela configuração do aparelho psíquico. A conscientização pela forma que o superego tem sido manuseado, inconscientemente, iça questionamentos de como a nossa sociedade tem agido e sido impulsada a buscar o bem-estar social e individual – cada vez mais afogada e seduzida pelo semblante de Narciso. Portanto, nosso maior intento foi acendrar o pensamento crítico para que possamos reestabelecer valores éticos prolongados e não-repreensíveis que permitem elevar a voz da consciência a nível coletivo para que figuras com as características semelhantes ao Inquisidor não se multipliquem, conforme visto em nossa sociedade neoliberal, e nem se fragmentem, mas que se diluam peremptoriamente e deixem de exercer um papel de opressor sobre o povo, ou pelo menos, que sua atuação possa ser amenizada e atenuada.

Referências

DOSTOIÉVSKI, F. O grande inquisidor. *In*: DOSTOIÉVSKI, F. *Os irmãos Karamázov*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012. p. 341-366.

FELMAN, S. *Literature and psychoanalysis: the question of reading otherwise*. Baltimore: Johns Hopkins, 1982.

FRANK, J. *Dostoiévski: os anos milagrosos 1865-1871*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2003.

FRANK, J. *Dostoiévski: um escritor em seu tempo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, S. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

HABOWSKI, A. C.; CONTE, E. Sociedade do cansaço. *Crítica Cultural*, Palhoça, v. 13, n. 2, p. 315-21, 2018.

LAENDER, N. R. A construção do conceito de superego em Freud. *Reverso*, Belo Horizonte, ano 27, n. 52, p. 63-8, 2005.

LIMA, B. M. O mal-estar na civilização: um diálogo entre Freud e Marcuse. *Mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 61-8, 2010.

LOYOLA, P. R. G. Valor e mais-valia: examinando a atualidade do pensamento econômico de Marx. *Argumentos*, Ceará, ano 1, n. 2, p. 131, 2009.

NAKASU, M. V. P. Para uma genealogia do superego: contribuições da reflexão freudiana da cultura. *Transformações em Psicologia*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 1-26, 2014.

OLIVEIRA, W. V. *A dinâmica mental da civilização repressiva: as origens da repreensão em Eros e Civilização de Herbert Marcuse*. 2017. Monografia (Bacharelado em Filosofia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

PEREIRA, M. F. Os irmãos Karamázov: um compromisso entre a razão e o sentimento cristão na crítica ao ocidente. *Revista Garrafa*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, p. 1-18, 2011.

Recebido em 07/02/2023

Aceito em 22/06/2023

Publicado em 27/06/2023